

# Hora exaltante para a língua portuguesa

*Pela primeira vez escritores de língua portuguesa de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e S. Tomé e Príncipe encontram-se reunidos em congresso — histórico*

Fernando Dacosta

Este encontro, que demorou sete anos a concretizar e que agora chega ao fim em Lisboa, simboliza a "hora exaltante", na feliz expressão de Mário Soares, que as relações dos sete países atravessam hoje.

"Iniciamos uma nova e auspiciosa era na cooperação entre os nossos povos", afirmou o Presidente português, ele próprio também escritor, na mensagem que dirigiu. "Em cada época são os escritores que, em primeira linha, têm a responsabilidade e a honra de renovar e revitalizar a língua em que nos exprimimos e comunicamos, enriquecendo e aumentando esse património que é uma das marcas definidoras das nossas identidades."

A decorrer desde quarta-feira na Fundação Gulbenkian, o simpósio conta com a presença de 270 participantes entre os quais se destacam, dos vindos de fora, Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñón (brasileiros), Pepetela, Luandino Vieira (angolanos) e Craveirinha (moçambicano). Os presidentes das repúblicas de Angola e Moçambique enviaram mensagens especiais.

Dividido por três grandes áreas (o escritor e o processo cultural das nações, literaturas e língua portuguesa no mundo e o escritor e a profissionalização) o temário escolhido contemplou aspectos como os do nacionalismo, os da continentalidade, os dos novos imaginários, os das vivências colec-



Teresa Patrício Gouveia na abertura do encontro  
A recusa de uma política espectacular

tivas, os do ensino da literatura, os da tradução, os da liberdade de expressão e os dos direitos de autor.

## Cavaco não recebe

A pesada fiscalidade que incide hoje sobre o escritor português (Cavaco Silva que patrocinava o Congresso recusa-se, no entanto, há meses a receber o presidente da SPA) tornou-se, pelas consequências desmotivadoras que provoca, um dos problemas mais preocupantes para os nossos autores.

Na véspera do início das sessões, o ministro das Finanças Miguel Cadilhe respondia na Assembleia da República a Natália Correia que os escritores não podem esperar tratamento de superioridade; como não têm de igualdade (a sua tributação viola as características do trabalho da escrita e da publicação), sofrem, na prática, tratamento de inferioridade.

Natália Correia faria uma das melhores intervenções do Congresso ao projectar as suas palavras para o futuro e para a essência das culturas presentes. "No ano dois mil, vinte por

cento da população mundial falará português", sublinhou, haverá então 645 milhões de pessoas a falar as línguas ibéricas. A ibericidade é um território cultural próprio dentro da latinidade". "O Ocidente é obrigado a renunciar ao imperialismo da sua cultura". Por isso, "Portugal não abdica de compartilhar um património cultural com os sete países de língua portuguesa".

Antecedendo-a, Pepetela, o autor de "Mayombe", avisara: "A língua portuguesa é para nós um bem justamente apropriado".

Sucedendo-lhe, Nelida Pi-

nón, autora de "A República dos Sonhos", sintetizaria: "Há muito que nós escritores perdemos a ingenuidade. Se se valoriza agora a língua é para melhor a podermos vender à CEE" - para melhor podermos resistir, para melhor podermos afirmar-nos no mundo, sobre-viver no mundo.

## Acordo ortográfico

Teresa Patrício Gouveia, secretária de Estado da Cultura foi, em termos governamentais, a única esperança: "Porque não julgamos que a espectacularidade conduza ao enraizamento das acções de cooperação, temos optado", disse, "por acções que, em cada área, permitam que o investimento e a utilização dos recursos disponíveis dêem o maior grau de satisfação às partes envolvidas".

A necessidade de um acordo ortográfico é, de uma maneira geral, defendida pelos grandes escritores (quem escreve bem tanto o faz com ou sem acordo), situando-se os adversários mais na área da investigação e da política.

Oscar Lopes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, assumiria a sua urgência afirmando ser "necessário chegar de um modo rápido, razoável e, tanto quanto necessário flexível, quer a um acordo ortográfico, quer a uma fixação de regras para a terminologia técnico-científica". "Tais problemas implicam-nos

a nós todos. Por outro lado, temos que criar condições para organização e acesso de informação bibliográfica referente aos sete países e à Região Autónoma da Galiza. O nosso público letrado está muito longe de conhecer, como devia, a produção cultural de todo o domínio lusofalante". "Portugal é um dos raros países europeus cuja unidade territorial europeia não assenta na contensão ou eliminação repressiva de línguas diversas". Aliás, o "facto histórico de a literatura de autores portugueses não ser historicamente sinónima de literatura em português deveria tornar os portugueses particularmente aptos a compreender que tenham também surgido literaturas nacionalmente diferenciadas que usam a língua portuguesa como processo de construção de novos Estados-Nações".

## Ousada estratégia

Amanhã, sábado, serão lidas as conclusões do encontro e fixado o país onde, para o ano, decorrerá o próximo Congresso de Escritores de Língua Portuguesa.

"Uma política de defesa da língua, assente numa usada estratégia", avisou Mário Soares, "constituem imperativos que os novos tempos nos impõem".

Conseguirão Cavaco Silva e Miguel Cadilhe (no Governo) e o PSD (no Parlamento) compreendê-lo?